

Uma leitura sobre infância a partir das peças radiofônicas de Walter Benjamin

A reading about childhood through the radio plays of Walter Benjamin

Caroline Trapp de Queiroz

Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ProPEd-UERJ). Integrante do Grupo de Pesquisa Infância e Cultura Contemporânea (GPICC - www.gpicc.pro.br).
trapp.queiroz@gmail.com

Resumo

Nossa proposta é colocar em debate uma possível leitura da concepção benjaminiana de infância a partir da análise de duas peças radiofônicas apresentadas pelo filósofo Walter Benjamin às crianças em seu programa de rádio infantil “A hora das crianças”, transmitido entre os anos de 1927 e 1933 em emissoras de Berlim e Frankfurt, na Alemanha. A compreensão de que a criança está na cultura, modificando-a e por ela sendo modificada, sustenta, a partir das leituras de Benjamin, a ideia de uma infância como experiência que afeta e constitui as crianças de modo singular, seja em que contexto, tempo ou espaço for, o que transcende qualquer idealização.

Palavras-chave: Infância. Experiência. Walter Benjamin.

Abstract

Our proposal is to put in debate one possible reading of Benjamin’s conception of childhood through the analysis of two radio plays presented to the children by the philosopher Walter Benjamin in his radio program “Children’s time”, broadcasted between 1927 and 1933 through radio stations in Berlin and Frankfurt, Germany. The understanding that the children are in culture, changing it and being changed by it, as from the readings of Benjamin, the idea of the childhood as an experience that affects children in a unique way, in whatever context, time or space, what transcends any idealization.

Key words: Childhood. Experience. Walter Benjamin.

A infância nas ondas do rádio

Entre os anos de 1927 e 1933, o filósofo alemão Walter Benjamin apresentou narrativas radiofônicas para crianças no programa de rádio “A hora das crianças”,¹ transmitido em emissoras de Berlim e Frankfurt. Desses programas, nenhum áudio foi conservado, tendo-se como registro apenas os escritos que serviram de base para a apresentação dessas narrativas, escritos esses que “[. . .] chegaram até nós graças ao hábito que Benjamin cultivara de arquivar os trabalhos feitos, enviar cópias para amigos/interlocutores ou, ainda, de publicar prévia ou posteriormente os escritos feitos para este fim” (PEREIRA, 2009, p. 259). Com duração aproximada de vinte a trinta minutos, os textos que compõem a coleção do programa infantil foram traduzidos por Aldo Medeiros e publicados no Brasil em 2015 sob o título de “*A Hora das Crianças: Narrativas radiofônicas de Walter Benjamin*” (BENJAMIN, 2015).

Nosso objetivo para este artigo² é colocar em debate a concepção benjaminiana de infância a partir de um breve entrelaçamento entre sua teoria e dois desses programas de rádio; são eles: “Passeios pelos brinquedos de Berlim I” e “Passeios pelos brinquedos de Berlim II”. Entendemos que essas narrativas permitem uma aproximação com a concepção de infância que Benjamin põe em prática no trato com as crianças. Nas narrativas que selecionamos, Benjamin conta um pouco sobre um passeio que fez pelas lojas de brinquedos de Berlim, entrelaçando reflexões sobre os brinquedos produzidos e comercializados para as crianças que vê nesse passeio e aqueles que povoaram sua própria infância.

Para nós, essas narrativas tornam manifestas, na prática, toda uma teoria de infância que perpassa a obra benjaminiana.³ Importa dizer que nosso interesse é traçar um paralelo entre o modo como Benjamin lidava com as crianças em seus programas de rádio e o modo como delas falava em seus escritos. Essa intencionalidade diz respeito à percepção de que toda a teoria institui uma ética nos modos de fazer, agir e ser, o que significa que olhar para os programas de rádio que Benjamin dirigiu às crianças pode contribuir para uma maior compreensão da ideia de infância da qual ele fala abertamente em suas obras. Assim, as narrativas radiofônicas de Benjamin,

Falam da sua infância em Berlim antes da primeira Guerra e das transformações urbanas trazidas pela sua reconstrução, falam

de livros surpreendentes e de escritores instigantes (Hoffmann, Rellstab, Glassbrenner, Goethe, Sade, etc.), falam de catástrofes naturais, brinquedos, teatro de marionetes, ciganos, magias, bruxarias, falsificadores de selos e contrabandistas de bebidas, a tomada da Bastilha, exposições universais etc. (PEREIRA, 2009, p. 267).

Em relação à infância, a discussão é extensa e perpassa diferentes campos do saber, científico ou não. Na cultura popular, por exemplo, instaurou-se no imaginário que crianças não deviam partilhar conversas de adultos. No bojo dessa máxima, temos gerações e gerações de crianças que tiveram negligenciadas suas vozes diante dos mais diversos assuntos. Resgatar hoje uma experiência radiofônica que, ainda no século passado, propunha narrar todo o tipo de temática às crianças é a forma que busco para reafirmar que as crianças estão no mundo e na cultura se relacionando com inúmeros elementos, sujeitos, práticas, saberes e, assim, construindo sua percepção de mundo e de vida ao mesmo tempo em que a vivem, ou seja, experienciando tudo na carne desde a mais tenra idade. Julgamos necessário afirmar que a participação das crianças na sociedade e na cultura é lugar-comum em maior parte das análises sobre a infância, de maneira que,

No âmbito dos estudos da infância, é matéria corrente a compreensão de que a criança nasce inserida numa cultura e que a criança a ressignifica e recria com os instrumentos que essa mesma cultura lhe permite. Em suas brincadeiras, suas demandas e seus modos de agir, mais do que imitar o mundo social supostamente já instituído, as crianças formulam a sua crítica, o afetam e o recriam (PEREIRA, 2013, p. 322).

Ademais, acreditamos que recuperar uma experiência radiofônica que se dirigiu às crianças numa perspectiva de infância que guarda potencialidades capazes de nos inspirar nos mais diferentes contextos é relevante na medida em que chama atenção para olhar com cuidado aos modos como nos dirigimos hoje à infância que conhecemos. Pensar infância a partir de Benjamin é pensar como lidamos com o sujeito criança enquanto agente histórico e indivíduo dotado de subjetividade.

Memória, experiência, narrativa e história em Walter Benjamin

Muitos são os artigos que se voltam à análise da infância a partir dos textos que Benjamin escreveu resgatando memórias de sua própria infância e analisando as infâncias que o circundavam em sua atualidade. Como o propósito para esse artigo é olhar para as narrativas da rádio, pensamos que um breve desvio em direção aos conceitos de história, memória, experiência e narrativa é suficiente para adentrarmos, ainda que superficialmente, a lógica e a visão de mundo de Benjamin, movimento essencial para traçar a análise pretendida e compreender sua concepção de infância.

A concepção de história presente nas *Teses sobre o conceito de história* (BENJAMIN, 2012d) se constitui como elemento fundante das concepções benjaminianas de experiência, narrativa e memória, todas importantes para o desenvolvimento de sua ideia de infância. Para ele, a modernidade acabou por expropriar o sujeito da sua própria história, ao lançar os homens ao individualismo e à competição, características do sistema capitalista. Sem a marca da coletividade e sem o encontro com outras histórias, a ciência histórica de fins do século XIX a meados do XX – essa a que Benjamin dirige suas críticas – se preocupava com os grandes homens e seus grandes feitos. A fim de legitimar sua cientificidade e também as ações dos “grandes”, a história era contada a partir do passado escrito, registrado em documentações oficiais, ou seja, um passado que julgava-se real e cuja descrição de eventos traria a isenção e a imparcialidade a que aspiravam os historiadores do período. Nesse sentido, o tempo de curta duração, da narrativa dos acontecimentos, um tempo linear e acumulativo, que caminhava em direção ao progresso era o tempo priorizado pela história oficial.⁴

Benjamin fala dessa crítica à história oficial com as crianças no fragmento que trazemos a seguir, o qual acreditamos ser significativo para falar dos conceitos de memória, experiência, narrativa e história que, em sua teoria, vão se desdobrando,

Quando era jovem, aprendi história lendo o Neubauer, que ainda deve existir em muitas escolas, talvez hoje um pouco diferente do que era antes. Na época o que mais me chamava atenção era que as páginas eram divididas em caracteres grandes

e pequenos. As páginas com caracteres grandes falavam de príncipes, guerras, tratados de paz, alianças, datas etc., coisas que tínhamos que decorar, e eu não achava muita graça. Em caracteres pequenos vinham as páginas com a, assim chamada, história das civilizações, contando sobre os costumes e tradições das pessoas em tempos antigos, suas crenças, sua arte, ciência, suas construções etc. Aqui não era preciso decorar, bastava ler, o que era muito mais divertido. Por mim, as páginas impressas em caracteres pequenos poderiam ter sido em número muito maior. Não se ouvia falar muito sobre essas coisas durante a aula. O professor de alemão dizia: isto vocês vão ver na aula de História, e o professor de História: isto vocês vão ver na aula de alemão. No final acabávamos quase sempre sem ouvir nada (BENJAMIN, 2015, p. 181).

Uma história contada pela ótica do vencedor é uma história de letra grande, uma história de nomes, nomes de pessoas, nomes de documentos, nomes de guerras. A essa ideia de história, Benjamin contrapõe a narrativa e a produção de memória. Para ele, é o compartilhamento de memórias e a narrativa das experiências que permitem que nos enxerguemos uns nas histórias dos outros, possibilitando que os indivíduos recuperem o senso de coletividade furtado pela modernidade. É o que faz Benjamin (2012a) ao compartilhar suas histórias de vida e de infância. O resgate da memória e da experiência pela narrativa seria o caminho para o sentimento de pertencimento à história que, para ele, é feita de narrativas do cotidiano, narrativas de experiências, narrativas das “gentes”. Isso porque, se a experiência afeta o sujeito de forma singular, o compartilhamento de experiências torna coletivo os seus sentidos a partir da narrativa. Essa ideia de história faz todo o sentido quando olhamos para sua ideia de tempo, um tempo cujo passado não está encerrado, mas presente num presente no qual ele tem pretensões.

As “gentes”, os cotidianos, a vida miúda que não aparece nessas letras grandes figuram como o caminho para o que Benjamin chama de “escovar a história a contrapelo”, ou seja, trazer os oprimidos ao protagonismo histórico e as contradições ao debate. Ora, se nos contam a história “aos cacos”, precisamos recolocar os “cacos” que, propositalmente, foram deixados de fora da narrativa.

É dessa forma que mudamos o passado – conformado porque construído com base na tradição dos vencedores – e transformamos o sentido da própria história, trazendo no presente um passado vivo, um passado que se (re)insere na história e vê “redimida” a sua opressão. Benjamin “escova a história a contrapelo” ao falar dos sujeitos silenciados pela história, “[. . .] crianças, ciganos, bruxas, bandoleiros, pobres e também formas apagadas do teatro e da literatura – instigando as crianças a construírem uma escuta para as histórias contadas em ‘letra pequena.’” (PEREIRA, 2009, p. 267).

Passeio pelos brinquedos de Berlim com a hora das crianças

Em texto que visa apresentar os programas infantis de Benjamin, Pereira (2009, p. 260) chama atenção ao fato de que tratava-se de uma análise de narrativas radiofônicas “[. . .] subtraídas de seu principal elemento constitutivo, o som”. No caso deste artigo, isso significa dizer que as peças radiofônicas de Benjamin serão analisadas em seu aspecto discursivo, como texto escrito, e não como programa de rádio, uma vez que não temos nem a possibilidade de ouvir e, menos ainda, de mapear a receptividade desses programas. Julgamos essa ponderação necessária, pois pensar uma metodologia é pensar aquilo que nos chega enquanto fonte histórica e registro humano e, da mesma forma, o posicionamento ético a que nos implicamos nessa análise. Esse fator não deturpa, entretanto, o sentido do texto, já que “[. . .] quem escuta uma história está em companhia do narrador; mesmo quem a lê partilha desta companhia” (BENJAMIN, 2012b, p. 230). Assim, embora estejamos cientes do nosso afastamento em relação aos programas transmitidos pela rádio – afastamento no tempo, no espaço e no contexto de veiculação –, temos a mesma clareza quanto à nossa aproximação em relação ao discurso que para esses programas Benjamin elaborou.

Para as análises propostas, procuramos agrupar as narrativas selecionadas de acordo com os seguintes eixos: a desconstrução da infância idealizada e o lugar da criança na cultura. Ao término da análise, procuraremos tecer a incidência dessas questões à ideia de infância enquanto experiência. Em relação à desconstrução da infância idealizada, encontramos, primeiramente, um posicionamento do autor na obra *Rua de mão única*,

Elucubrar pedantemente sobre a fabricação de objetos – meios de apresentação, brinquedos ou livros – que fossem apropriados para crianças é tolice. Desde o Iluminismo essa é uma das mais bolorentas especulações dos pedagogos. Seu enrubescimento pela psicologia impede-os de reconhecer que a Terra está repleta dos mais incomparáveis objetos de atenção e exercício infantis. E dos mais apropriados. (BENJAMIN, 2012c, p. 17).

Aqui Benjamin critica a falta de sensibilidade para perceber o que é de interesse das crianças. O pedantismo dos pedagogos para criar os mais diferentes materiais e brinquedos educativos os impede de perceber que infantil é tudo aquilo pelo que as crianças voltam o seu olhar. Essa mesma característica na criação de coisas “para” crianças é alvo de reflexão por parte do filósofo nos programas radiofônicos infantis. Em “Passeio pelos brinquedos de Berlim II”, ao falar sobre um jogo elétrico de perguntas e respostas em que, ao inserir um pino ao lado da pergunta e outro ao lado daquilo que se pensa ser a resposta, uma luz acende indicando se a criança acertou ou não, Benjamin (2015b, p. 68) explica, “[...] é claro que se trata de um brinquedo nada inocente, no qual o professor espertamente se transformou em uma lâmpada. E ainda há outros brinquedos onde a escola se infiltrou e está camuflada”.

Contra esse pedantismo que necessita de objetivos cartesianos mesmo nos brinquedos infantis, Benjamin contrapõe o interesse das crianças pelo residual, chamando a atenção para o olhar das crianças que se volta àquilo que, muitas vezes, os adultos desprezam – pela incapacidade de sensibilidade, arriscamos afirmar:

[...] as crianças são inclinadas de modo especial a procurar todo e qualquer lugar de trabalho onde visivelmente transcorre a atividade sobre as coisas. Sentem-se irresistivelmente atraídas pelo resíduo que surge na construção, no trabalho de jardinagem ou doméstico, na costura ou na marcenaria. Em produtos residuais reconhecem o rosto que o mundo das coisas volta exatamente para elas e para elas unicamente. (BENJAMIN, 2012c, p. 17).

Dessa forma, as crianças criam um pequeno mundo próprio de coisas e significados inserido em um mundo maior. Isso nos leva ao próximo eixo, ou seja,

à afirmação de que a criança está na cultura. Ainda que Benjamin afirme o lugar da criança nesse pequeno mundo que ela cria para si, no qual a maneira de olhar, a forma de viver, os anseios e os hábitos são todos subjetivos, da mesma forma, ele faz questão de enfatizar o lugar da criança inserida na cultura, produzindo e sendo produzida por ela em um movimento de mútuo afetamento. A infância, nesse sentido, é social e historicamente marcada, sendo constituída na relação com o meio em que a criança vive, que é alterado pela sua ação, mas também a partir da interação com seus pares, com os adultos e consigo mesmas.

Esse lugar “monadal”⁵ da criança, ou seja, um lugar marcado pela especificidade, mas que, ao mesmo tempo, guarda laços com a cultura de maneira geral, é destacado por Benjamin (2015a, p. 61) no programa “Passeio pelos brinquedos de Berlim I”;

Eu disse a mim mesmo, os adultos podem escutar no rádio todo o tipo de programa que interesse a eles, com informações especializadas, apesar de, ou exatamente porque eles já entendem do assunto tratado, no mínimo tanto quanto o locutor do programa. E porque não se pode fazer também estes programas especializados para crianças? Por exemplo sobre brinquedos, apesar de, ou exatamente porque eles entendem de brinquedos no mínimo tanto quanto o homem que aqui lhes fala.

A concepção de um saber infantil especializado está diretamente relacionada à ideia desse pequeno mundo próprio das crianças e ao reconhecimento que essa especificidade deve ganhar quando se pretende pensar e agir “com” e “sobre” as crianças. Em contrapartida, reconhecer a criação, elaboração e inventividade das crianças não pressupõe compreendê-las apartadas da cultura,

Pois se a criança não é nenhum Robinson Crusoe, assim também as crianças não constituem nenhuma comunidade isolada, mas antes fazem parte do povo e da classe a que pertencem. Da mesma forma, os seus brinquedos não dão testemunho de uma vida autônoma e segregada, mas são um diálogo de sinais entre a criança e o povo. Um diálogo de sinais, para cuja decifração seguro. (BENJAMIN, 2002, p. 94).

Portanto, esse reconhecimento deve existir quando se fala “de” infância, uma vez que, enquanto adultos, temos da infância aquilo que guardamos em nossa vivência como memória. Entretanto, isso não basta se quisermos saber da infância contemporânea, pois desta apenas as crianças que hoje compõem a categoria podem dizer, já que a vivem enquanto experiência “do” e “no” presente. Aqui reside a ideia da potência expressa pela infância no que se refere à partilha de sentidos entre sujeitos de diferentes gerações. Essa construção de um saber que se situa no limiar entre o que já se sabe, “memorialisticamente”, dessa experiência de infância e o que não sabe das experiências dos “outros” que habitam essa categoria hoje é o que de mais convidativo há no pensamento de Benjamin acerca da infância. Para ele, é na relação entre adultos e crianças que se situa a possibilidade das trocas intergeracionais e, assim, da construção de uma ideia de infância mais sensível e menos preocupada com a “pedagogização” da vida das crianças.

Os eixos de análise das narrativas de Benjamin permitem verificar na prática diretrizes que embasam sua teoria de história, memória, experiência e narrativa, bem como enfatizam a ideia de infância enquanto experiência, uma vez que ela se expressa nesse lugar de existência, potência e vivência da criança. Lugar que Benjamin adentra para se dirigir a elas com a sinceridade de quem reconhece suas singularidades e suas formas de enxergar e se relacionar com o mundo. Como experiência, Benjamin nos permite compreender a infância fora da lógica da tutela que muitas vezes guia a ação dos adultos. Falando às crianças sobre os mais diferentes assuntos de maneira sincera e sem a “infantilização” característica das atuais produções midiáticas voltadas à infância, o filósofo já chamava atenção, no século passado, ao fato de que se poderia falar sobre tudo com as crianças, uma vez que, inseridas na cultura, nada haveria nessa dinâmica que não as afetasse e, “[...] portanto, que não há nada da realidade social de que fazem parte que não possa ser dito ou dialogado com as crianças, desde que lhes afete com sinceridade” (PEREIRA; MACEDO, 2012, p. 50).

O entendimento de que a criança está na cultura vivenciando-a, modificando-a e, ao mesmo tempo, sendo por ela afetada e modificada, a partir das leituras de Benjamin, nos leva à percepção de uma infância como experiência constitutiva do sujeito criança, seja em que contexto, tempo ou espaço for, que afeta as crianças de modo singular.⁶ Para nós, a infância não é posse, não se tem uma infância, vive-se uma infância, pois ela é uma experiência que transcende

qualquer idealização. Quando falamos “com”, “de” e “sobre” crianças, devemos ter claro que seu lugar na cultura é de protagonismo e narração de uma produção e história que lhes pertencem por direito por se tratar de criações subjetivas.

É, portanto, essa teoria acerca da infância que assinamos como um compromisso, um ato político e uma diretriz que guia nosso posicionamento perante a vida. É importante destacar que Benjamin não formula nesses termos uma “infância enquanto experiência”, mas que essa é uma leitura que nós fazemos a partir de sua teoria e também da análise de seus programas de rádio, leitura pela qual nos responsabilizamos por completo. Assim, acreditamos que a análise empreendida até aqui e a assinatura dessa teoria “[...] institui a possibilidade da crítica, dos confrontos ideológicos, da polifonia, da discursividade” (PEREIRA; MACEDO, 2012, p. 85) com nossos pares.

Considerações

Este artigo teve como objetivo colocar em debate a concepção benjaminiana de infância que entendemos aqui como experiência. Benjamin nos apresenta uma concepção de infância tanto a partir de uma observação a seu posicionamento diante das crianças nos programas de rádio quanto a partir da leitura de seus textos, o que evoca o imbricamento entre teoria e prática que o acompanha na vida. A compreensão de que a criança está na cultura, nos leva a pensar que esses sujeitos estão construindo uma categoria de infância própria que é social, cultural, histórica e plural, ainda que nas singularidades que compõem a vida, como faixas etárias, particularidades étnicas, diferenças socioeconômicas, etc. Isso significa que, cada experiência implica uma forma diferente de viver e experimentar a infância, e essas formas fogem à qualquer idealização.

Benjamin parecia saber desse lugar das crianças – a cultura – ao narrar a elas fatos que aconteciam na cidade, como o tráfico de bebidas alcoólicas, as catástrofes naturais, os incêndios, e mesmo aquilo que circulava em termos de literatura, eventos e personalidades, por exemplo. Nesse sentido,

Se Descartes concebe [a infância] como um momento patológico do conhecimento – época na qual a alma está tão misturada ao corpo para fins de sobrevivência que a impossibilita de pensar –,

para Benjamin é um modo de existência crítico e epistemológico, crítico em sentido epistemológico (MATOS, 1997, p. 39).

Essa criticidade que Matos enxerga na ideia de infância de Benjamin coloca em questão a imagem da criança como ser repleto de incapacidades, supostamente ingênuo, que necessita de tutela e restrições. Para Benjamin, o lugar do “não saber” é um lugar antes de possibilidades que de deficiências. De acordo com Gagnebin (2005, p. 180),

Benjamin não ressalta a ingenuidade ou a inocência infantis, mas, sim, a inabilidade, a desorientação, a falta de desenvoltura das crianças em oposição à “segurança” dos adultos. Mas essa incapacidade infantil é preciosa: [...] porque contém a experiência preciosa e essencial ao homem do seu desajustamento em relação ao mundo, da sua insegurança primeira, enfim da sua não-soberania.

Esse “não saber” é também destacado por Larrosa (1998) em *Pedagogia Profana*, que nos elucida quanto à importância de enxergar a criança como “outro” e que essa perspectiva pressupõe uma suspensão daquilo que pensamos saber da infância, uma vez que com esses saberes vêm também a autoridade e o poder que muitas vezes retiram da infância sua legitimidade enquanto experiência em detrimento de uma infância vivida como memória do adulto; ou seja, enquanto adultos, pensamos saber tudo da infância por já a termos vivido. Entretanto, esse posicionamento furta das crianças o direito de narrar suas próprias experiências de infância, uma infância que não conhecemos, já que é constitutiva de outro sujeito que não nós. Consequentemente, temos o encerramento de outras possibilidades de leitura dessas infâncias.

Para nós, da incerteza e da contradição se originam outras formas de pensar que transcendem regras e limites impostos por essas ou aquelas determinações já existentes no saber que o adulto toma para si como símbolo de sua superioridade diante da vida e das crianças. Portanto, talvez a suspensão daquilo que pensamos saber da infância seja o caminho para um olhar mais atento àquilo que as crianças têm a nos dizer sobre elas mesmas. Não se trata de uma recusa a tudo o que já foi debatido no campo da infância, mas sim de

um movimento de abertura para novas percepções do “outro” que vive hoje sua infância, e para isso nos ajuda Benjamin.

Notas

- 1 Sabe-se, entretanto, que Benjamin apresentou programas de diversos gêneros, voltados não apenas para crianças, mas também para adultos, abordando diversas questões culturais. Para saber mais, ver: BAUDOUIN, Philippe (Org.). *Walter Benjamin: écrits radiophoniques*. France: Editions Allia, 2014; PEREIRA, Rita Ribes. A hora das crianças: narrativas radiofônicas de Walter Benjamin. In: JOBIM E SOUZA, Solange; KRAMER, Sonia (Org.). *Política, cidade, educação: itinerários de Walter Benjamin*. Rio de Janeiro: Contraponto/Ed. PUC-Rio, 2009.
- 2 É importante destacar que texto semelhante foi publicado nos “Anais do VII Simpósio Nacional de História Cultural: Escritas, circulação, leituras e recepções” em 2014. Entretanto, o presente artigo contém modificações que seguem o tom de adequação que demos às propostas da revista.
- 3 As obras em que Benjamin se detém à temática da infância são *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*, *Infância em Berlim por volta de 1900* e *Rua de mão única*. Fragmentos dessas obras são perpassados por mim na tessitura dessa ponte entre as ideias benjaminianas de infância e os modos como ele lida com as crianças em seus programas de rádio.
- 4 Para saber mais sobre essa concepção de história, ver: FARIAS, Marilene Nascimento de; FONSECA, André Dione; ROIZ, Diogo da Silva. A escola metódica e o movimento dos Annales: contribuições teórico-metodológicas à história. *Akrópolis*, [s.l.], v. 14, n. 3 e 4, p. 121-126, 2006; WEHLING, Arno. *A invenção da história: estudos sobre o historicismo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Gama Filho, 2001.
- 5 Benjamin refere-se ao conceito de mônada a partir da monadologia de Leibniz, ou seja, para ele um fragmento possui nele mesmo os laços com o todo, sendo uma parte do todo, mas igualmente um todo em si, enquanto fragmento.
- 6 Ainda conforme Benjamin, entendo que, embora a experiência afete singularmente os sujeitos, é no compartilhamento, na narrativa, que as diferentes experiências – e seus sentidos – se tornam coletivos. Esse “tornar coletivo” é importante quando pensamos na potencialidade de reapropriação da história e do pertencimento dos sujeitos a uma coletividade que a narrativa suscita.

Referências

- BAUDOUIN, Philippe (Org.). *Walter Benjamin: écrits radiophoniques*. France: Allia, 2014.
- BENJAMIN, Walter. *Aufklärung für Kinder*. Runfunkvorträge. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1985.

- _____. *El Berlin demoniaco*: relatos radiofônicos. Barcelona: Icaria, 1987. Traduzido para fins didáticos – mimeo.
- _____. História cultural do brinquedo. In: _____. *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades/Ed. 43, 2002.
- _____. Infância em Berlim por volta de 1900. In: _____. *Rua de mão única*. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012a.
- _____. O Narrador. In: _____. *Magia e técnica, arte e política*: ensaios sobre literatura e história da cultura. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012b.
- _____. *Rua de mão única*. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012c.
- _____. Teses sobre o conceito de história. In: _____. *Magia e técnica, arte e política*: ensaios sobre literatura e história da cultura. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012d.
- _____. Passeio pelos brinquedos de Berlim I. In: _____. *A Hora das Crianças: Narrativas radiofônicas de Walter Benjamin*. Rio de Janeiro: NAU, 2015a.
- _____. Passeio pelos brinquedos de Berlim II. In: _____. *A Hora das Crianças: Narrativas radiofônicas de Walter Benjamin*. Rio de Janeiro: NAU, 2015b.
- FARIAS, Marcilene Nascimento de; FONSECA, André Dionei; ROIZ, Diogo da Silva. A escola metódica e o movimento dos Annales: contribuições teórico-metodológicas à história. *Akrópolis*, [s. l.], v. 14, n. 3 e 4, p. 121-126, 2006.
- GAGNEBIN, Jeanne-Marie. *Sete aulas sobre linguagem, memória e história*. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 2005.
- LARROSA, Jorge. *Pedagogia profana*: danças, piruetas e mascaradas. Porto Alegre: Contrabando, 1998.
- MATOS, Olgária. *História viajante*: notações filosóficas. São Paulo: Studio Nobel, 1997.
- PEREIRA, Rita Ribes. A hora das crianças: narrativas radiofônicas de Walter Benjamin. In: JOBIM E SOUZA, Solange; KRAMER, Sonia (Org.). *Política, cidade, educação*: itinerários de Walter Benjamin. Rio de Janeiro: Contraponto/Ed. PUC-Rio, 2009. p. 259-278.
- _____. O (en)canto e o silêncio das sereias: Sobre o (não)lugar da criança na (ciber)cultura. *Childhood & philosophy*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 18, p. 320-343, jul./dez. 2013.
- _____.; MACEDO, Nélia Mara Rezende (Org.). *Infância em Pesquisa*. Rio de Janeiro: Nau, 2012.
- WEHLING, Arno. *A invenção da história*: estudos sobre o historicismo. 2. ed. Rio de Janeiro: Gama Filho, 2001.

recebido em 30 nov. 2014 / aprovado em 2 mar. 2015

Para referenciar este texto:

QUEIROZ, C. T. Uma leitura sobre infância a partir das peças radiofônicas de Walter Benjamin. *Dialogia*, São Paulo, n. 21, p. 157-169, jan./jun. 2015.
